

Saúva já era



» JOSÉ SARNEY
Ex-presidente da República,
escritor e imortal da Academia
Brasileira de Letras

Se há uma área em que o Brasil pode ter certeza de que consolidou sua excelência, graças à formação de recursos humanos que nos permitiram alcançar um lugar de destaque no mundo, sem dúvida alguma é a empresarial. Os que operam a economia brasileira são extremamente qualificados, e a prova disso é o êxito que acompanha o desenvolvimento e o crescimento do nosso PIB, a soma da riqueza do nosso país. E se buscarmos no empresariado aqueles que mais se qualificaram, certamente não haverá dúvida na resposta de que são os do setor do agronegócio.

Nossa caminhada vem de muito longe, a começar pela nossa monocultura do café, que, durante mais de um século, foi o seu carro-chefe. O crescimento e a modernização de nossas cidades foram impulsionados pelo café, que predominou sobretudo em São Paulo, no Paraná e em Minas Gerais, onde dominou as áreas rurais e serranas próximas, subindo a serra; como exemplo, basta citar o Rio de Janeiro, onde as plantações de café ocuparam a paisagem das encostas da Tijuca. Mas, como encontraram em Dom Pedro II uma mente genial, foram replantadas as árvores nativas, de tal modo que hoje as Matas da Tijuca e do entorno da cidade do Rio de Janeiro nos oferecem a beleza de uma Mata Atlântica que parece ser a primitiva, com a exuberância das espécies que habitam aquelas terras.

Lembro-me — e para isso tenho que recorrer à bondade de Deus que me assegurou vida longa — de que fui testemunha, na minha mocidade, da divulgação do slogan que dava a tábua de salvação para o setor agrícola: “Ou o Brasil acaba com a saúva ou a saúva acaba com o Brasil.” Nosso inimigo maior era essa espécie de inseto que devorava as lavouras e, assim, impedia o seu crescimento e a produtividade.

Essa situação de atraso conviveu conosco até algumas décadas atrás. Essa barreira somente foi transposta por meio da tecnologia, quando o presidente Geisel articulou a criação e consolidação da Embrapa, autarquia que deve ser inscrita como um dos maiores órgãos públicos deste país, com a capacitação, inclusive no exterior, de recursos humanos e soma de serviços prestados, como o desenvolvimento de produtos que asseguraram essa posição invejável do Brasil, que pode se apresentar como primeiro país do mundo em exportação de grãos, capaz de entrar na competição mundial com produtos de melhor qualidade e com grande competitividade de preços.

A outra grande barreira rompida ocorreu quando criamos o Ministério Extraordinário da Irrigação durante o meu governo, com a meta modesta de conseguirmos irrigar um milhão de hectares em cinco anos, o que foi cumprido, com o desenvolvimento de uma tecnologia capaz de levar água como um grande instrumento de progresso da agricultura.

Concomitantemente, desenvolveram-se equipamentos e técnicas de grande valia para o cumprimento de nossos objetivos, como o pivô central, que passou a ser fabricado em massa e permitiu, com o uso dessa experiência e do seu trato diário, o desenvolvimento de uma tecnologia que

assegurou, com o esforço da Embrapa, as primeiras supersafras daqueles anos, quando passamos de uma estagnação de cerca de 54,6 milhões de toneladas de grãos no início do meu governo, em 1985, iniciando o impulso para o salto na produção. Lembro que a nossa economia, já em 1989, no último ano do meu governo, ocupou o lugar de oitava maior economia do mundo.

Graças a todo esse trabalho pioneiro então iniciado, atingimos hoje a produção de mais de 300 milhões de toneladas, um patamar que nos assegura o sedutor marco de maior exportador mundial em volume de grãos, superando os Estados Unidos. Assim, o setor do agronegócio brasileiro consolidou uma posição privilegiada no cenário global.

O Brasil hoje produz de agulhas a aviões sofisticados, concorrendo em alguns segmentos com as mais avançadas tecnologias. Infelizmente, na área de computação, uma política equivocada de desenvolvimento da área digital, computadores, microchips, softwares, impediu que tivéssemos nessa área o mesmo desenvolvimento que tivemos em outras áreas. E isso realmente é um problema para nós, que, sem dúvida alguma, iremos superar, desde que se estabeleça uma política de desenvolvimento científico voltada para as tecnologias de ponta e visando a substituição de importações e nos possibilite ter um nicho de competitividade também nesta área.

Costumamos dizer que o futebol é o esporte nacional, e eu acrescento sempre em uma conotação de blague que, à frente do futebol, temos o esporte de falar mal do Brasil, sendo este um divertimento nacional. Mas a verdade é que eu ouvi do ministro Delfim Netto, em uma conferência que ele fez na Universidade CEUMA do Maranhão, que o Brasil fora o país que mais cresceria no século 20.



Eleitores que trocam boas instituições por falsos heróis



» JOSÉ PASTORE
Professor da Faculdade de
Economia da USP (aposentado)
e presidente do Conselho de
Emprego e Relações do Trabalho
da Fecomercio-SP

Em trabalho clássico, Rudiger Dornbusch e Sebastian Edwards apresentaram as seguintes características dos governantes populistas no campo econômico: (1) ao enfatizar crescimento com distribuição de renda, pouco se importam com a inflação e o déficit público; (2) desprezam as políticas ancoradas nos mecanismos do mercado, favorecendo grupos especiais, também chamados de campeões nacionais; (3) olham a sociedade como dividida entre elite e povo, ricos e pobres, atraindo a simpatia destes com programas sociais de vários tipos.

Os dois autores analisaram o curso do populismo durante décadas na América Latina, inclusive, no Brasil. Em todos os países, os candidatos populistas apresentam as mesmas características. Prometem o que não podem entregar. Uma vez eleitos, verificam não haver recursos para cumprir suas promessas. Solução: partem para o assistencialismo, pouco ligando para o desequilíbrio fiscal. Um trabalho mais recente mostra que, no final das contas, as políticas populistas reduzem o crescimento econômico.

Apesar disso, é difícil para os países se livrarem

de governantes populistas. Populismo geralmente provoca crises econômicas que desembocam em outros populistas.

O Brasil vive hoje um clima de populismo. Os gastos do governo federal para o assistencialismo saltaram de R\$ 93 bilhões, em 2019, para R\$ 286 bilhões, em 2025. Nesse período, a inflação foi de 40%. Amargamos um déficit público crescente e ameaçador. No campo político, o governo instiga o confronto entre ricos e pobres por meio de slogans e palavras de ordem de cunho estritamente emocional.

Com isso, as despesas públicas vão aumentando, enquanto o governo despreza uma redução de gastos e a reforma administrativa. Um lobby silencioso, mas muito eficaz, defende e mantém privilégios, penduricalhos e supersalários nos Três Poderes. Recentemente, representantes de juízes, procuradores e outros altos funcionários do governo central obtiveram êxito ao convencer parlamentares para retirarem suas assinaturas de uma PEC que buscava reformar o Estado.

Grupos como esse têm tido sucesso na captura de recursos públicos de grande monta. É o que Daron Acemoglu e James Robinson (Prêmio Nobel de 2024) chamam de “ações extrativistas” — quando privilegiados extraem para si os recursos que seriam destinados à melhoria da qualidade de vida dos mais pobres.

No Congresso Nacional, o populismo está infiltrado em vários setores, lembrando, aqui, o enorme volume de recursos que é drenado para as emendas parlamentares.

O governo central faz vista grossa para o gigantesco déficit que se acumula na maioria das

empresas estatais e fundos de aposentadoria e pensões — verdadeiras máquinas de prejuízos. Só os Correios precisam de R\$ 20 bilhões de empréstimo para não quebrar.

O desrespeito à Lei da Responsabilidade Fiscal é frequente, o que obriga o Banco Central a manter juros estratosféricos que comprometem o crescimento e mantêm o Brasil no rol dos países de renda média, sem sair do lugar. Com isso, o padrão de vida dos brasileiros vai caindo a cada dia. Fazem muita falta, entre nós, instituições de boa qualidade para impedir a prática desenfreada do extrativismo e do populismo desenfreados. O que me espanta é ver milhões de brasileiros acreditando até hoje nos salvadores da pátria. Confiam mais nos falsos heróis do que em boas instituições. Com o seu apoio, os governantes populistas seguem capturando 1/3 de tudo o que é produzido, sem entregar o básico para o país crescer de forma sustentável — o que mais prejudica os pobres. Há décadas, o Brasil é um dos países em desenvolvimento que menos cresce.

Na linha da ganstaça, o governo multiplica o número de programas que geram bons ventos eleitorais, pouco se importando com a manutenção do necessário equilíbrio fiscal. Em nada adianta o Tribunal de Contas da União repreender a contabilidade criativa ora em andamento e que exclui volumosas despesas da meta fiscal.

É assim que entraremos no próximo ano eleitoral. Mas o populismo nunca deu certo em lugar nenhum. É hora de voltarmos à realidade e lutarmos por regras claras e instituições fortes que garantam o bom senso e afastem os aventureiros.

Visto, lido e ouvido



Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@adabr.com.br

Vida e morte do urbanismo

É certo que as cidades, assim como os seres humanos, nascem, crescem, envelhecem e morrem, como mostra o livro famoso de Jane Jacobs: *Morte e vida das grandes cidades*, publicado em 1961. As razões são múltiplas, mas, no geral, têm a ver com as segundas e desastrosas interferências do homem na vida urbana. Muitos arquitetos e urbanistas dizem que o que estraga muitos projetos é que, depois, eles, cedo ou tarde, serão habitados por pessoas, alheias a questões como harmonia, beleza e bom senso.

Como ciência, o urbanismo não pode nem deve ser concebido apenas para atender problemas de ordem social, econômica e política de determinada época, sob pena de se criar cidades como soluções para questões que nada tem a ver com o propósito urbano em si. Trata-se de uma questão delicada. Uma coisa é a cidade, outra, totalmente diferente, são as questões de ordem social e econômica momentâneas que devem ser resolvidas pontualmente. Querer adaptar a cidade, com seu urbanismo complexo, a problemas de ordem social não tem resultado em algo positivo para seus habitantes.

Cidades pelo mundo que tiveram seu desenho urbano alterado para atender às questões de ordem social, como a pobreza, a mendicância e outras, tiveram abreviadas sua decrepitude e falência. Por todo o planeta, veem-se cidades que entraram em estágio de ruínas e abandono por não levarem a questão urbana com seriedade. O caso particular de Brasília mostra que o centro urbano da capital parece ter entrado nesse estágio de decadência prematura, principalmente após a traumática emancipação política da cidade. A partir daquele momento, políticos de toda a espécie passaram a considerar que o projeto urbano da cidade deveria ceder espaços para as aventuras dos puxadinhos e das improvisações, num movimento populista no qual nada do projeto foi respeitado.

Exemplo disso foram as seguidas invasões de terras públicas para a instalação de bairros improvisados dentro da lógica um terreno, um voto. As áreas públicas, como moedas de troca, foram vilipendiadas. A proliferação de barracos de lata, espalhados por toda a cidade, inclusive nos pontos de ônibus, mostra que não temos apreço por coisas como projetos urbanos. A decadência de extensas áreas do centro da capital demonstra que questões sociais são uma coisa, questões urbanas são outras. As cidades não são meros cenários; são organismos complexos cuja saúde depende de um projeto contínuo e coerente.

Jane Jacobs nos ensinou que a vida urbana é dinâmica, frágil e vulnerável às intervenções descontraídas. Quando tratamos a cidade como um apêndice de políticas imediatistas, a urbe perde sua razão de ser. É compreensível que as emergências sociais exijam respostas rápidas, mas confundir remédio com cirurgia permanente é erro grave. Urbanismo não é exclusivamente engenharia de controle social; é arte, economia, ecologia e convivência. Projetos que ignoram a qualidade do espaço público acabam criando cenários propícios à exclusão e à degradação.

Brasília é um exemplo doloroso de como decisões políticas podem corroer um projeto urbano visionário. A capital, em seu traçado original, tinha intentos estéticos e funcionais que vinham sendo gradualmente subvertidos. Transformar áreas públicas em moeda de troca revela a crise de princípios que atinge a gestão urbana. O loteamento improvisado e o “um terreno, um voto” são sintomas de um problema institucional mais profundo. Não se trata de demonizar medidas de emergência, mas de não torná-las permanentes. A proliferação de abrigos improvisados nos pontos de ônibus é sinal de falha coletiva. Falha do poder público que deixa de priorizar habitação digna e gestão urbana integrada. Falha da sociedade que naturaliza o improviso e a ausência de normas estéticas e funcionais.

O urbanismo que se reduz a remendos acaba por acelerar o envelhecimento e a morte da cidade. Cidades sem cuidado com o desenho urbano perdem capacidade de atrair investimentos, talentos e qualidade de vida. A decadência de centros urbanos não nasce do nada; é fruto de decisões cumulativas e de negligência. A preservação do espaço público exige vontade política, planejamento técnico e participação cidadã. Não basta erguer muros contra a pobreza; é preciso políticas integradas que unam urbanismo e justiça social. Isso significa programas de habitação planejada, equipados e localizados com sentido urbano. Significa também preservar a malha urbana que garante circulação, comércio e sociabilidade. Governar uma cidade é cuidar de suas infraestruturas, de seus equipamentos culturais, de suas praças. É preciso combater a ideia de que uma solução social é automaticamente uma solução urbana.

A frase que foi pronunciada:

Temos orgulho da nossa constelação de arquitetos-estrelas, mas precisamos mais de arquitetos preocupados com as cidades. Menos egoarquitetos, mais equoarquitetos.”

Jaime Lerner

História de Brasília

O bibliotecário tinha como incumbência encapar todos os livros. Não cumpriu com a sua missão e foi obrigado a renunciar. (Publicada em 11/5/1962)